



<http://dx.doi.org/10.30681/real.v11i2.2513>

## A OBSCENA SENHORA D.: POR DEUS ESQUECIDA, POR HOMENS OPRIMIDA, PELAS LOUCAS E HISTÉRICAS MUITO BEM-VINDA

Marcelo Júnior de Souza HONÓRIO (UFG)<sup>1</sup>  
Luciana BORGES (UFG)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como proposta problematizar a condição feminina no âmbito da loucura por meio da análise literária da obra *A Obscena senhora D.* (2005), de Hilda Hilst. Para tanto, são abordados os conceitos de loucura, histeria e a condição de sujeito da protagonista Hillé, bem como a maneira como essa personagem se comporta em relação ao ambiente externo, considerando-se que a loucura carrega o *status* de doença mental em nossa sociedade e que a opressão feminina no âmbito da loucura é um dos lugares comuns das opressões de gênero. A partir do contexto da obra, discorremos sobre a busca que a personagem empreende em torno de Deus, tendo em vista a instabilidade e o abandono sentidos pela mesma na relação supostamente cristã entre pai e filha. O suporte teórico é dado por textos de Freud (1969); Foucault (1972); Machado e Caleiro (2008); Verona (2012); Magnabosco (2013) e Souza (2014), dentre outros.

**Palavras-chave:** Loucura. Histeria. Deus. Hilda Hilst.

**Abstract:** This paper aims at problematizing the feminine condition in the scope of madness through the literary analysis of the work *A Obscena senhora D (The obscene Madame D)* (2005), by Hilda Hilst. Therefore, the concepts of madness, hysteria are addressed, and also, the condition of subject of Hillé, the protagonist, as well as the manner this character behaves in relation to the external environment, considering that madness carries the status of mental disease in our society and that the feminine oppression in the scope of madness is one of the commonplaces of gender oppression. From the context of the work, we discourse about the pursuit of God the character does, in view of the instability and abandonment felt by her in the supposedly Christian relation between father and daughter. The theoretical support is given by texts by Freud (1969); Foucault (1972); Machado e Caleiro (2008); Verona (2012); Magnabosco (2013) and Souza (2014).

**Keywords:** Madness. Hysteria. God. Hilda Hilst.

“Toda criatura viva na Terra morre sozinha”<sup>3</sup>

### Espiar o vão da escada – uma introdução

<sup>1</sup> Graduado em Letras-Português pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. E-mail: [honorioxd@hotmail.com](mailto:honorioxd@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás e Professora de Literatura Brasileira na UFG – Regional Catalão. E-mail: [borgeslucianab@gmail.com](mailto:borgeslucianab@gmail.com).

<sup>3</sup>Fala da personagem Roberta Sparrow (Vovó Morte) no filme *Donnie Darko* (2001), dirigido por Richard Kelly.



Uma escada. Um vão. Uma mulher louca e seus solilóquios recheados de profundas inquietações: esse conjunto apresenta inicialmente o contexto de *A obscena senhora D*, de Hilst (2003), complexa obra ficcional de uma das mais importantes escritoras brasileiras do século XX. Em torno dos aspectos mais contundentes dessa obra, quais sejam, o questionamento ininterrupto sobre a divindade e o sentido da existência, a morte, a loucura e obscenidade da vida é que o presente artigo se movimenta, tendo em vista os meandros da ficção hilstiana, sempre imperscrutável em sua totalidade, intentamos elaborar algumas reflexões em torno da construção da protagonista Hillé, notadamente relacionadas à ideia do enlouquecimento ou perda da razão e em torno da opressão de gênero que assola as mulheres em ambiente patriarcal.

A formulação do conceito de loucura é diversa e compreende os mais diferenciados discursos e formas de tratamento a respeito da condição dos loucos e loucas no decorrer da História. Em nossa contemporaneidade, é comum a compreensão da loucura com base nos aspectos psiquiátricos, ao se colocar o seu *status* de doença como determinante na relação social das pessoas consideradas loucas. Entretanto, vale ressaltar que assim como em relação a qualquer fenômeno humano, a compreensão da loucura trata-se de uma construção histórica e social, a loucura não foi sempre compreendida como uma doença. Na Idade Média, por exemplo, sob o ponto de vista cristão, era justificada por causas sobrenaturais ou por associação a algum pecado. Nesse período da História, a maneira como o louco era tratado, inspirada na rejeição à lepra e ao leproso, consistia em práticas severas de segregação, pois de acordo com Oliveira (2002, p. 4), “os leprosos eram confinados, fora das grandes cidades, em grandes casas institucionais para resguardar o resto da população do contágio”. O mesmo ocorreu com o louco, herdando o destino dos já quase extintos leprosos, pois as pessoas acreditavam que a loucura também era contagiosa.

Após a Idade Média, no Renascimento, período em que se exaltava uma sociedade antropocêntrica, as pessoas continuaram a segregar o sujeito considerado louco. Como um novo meio de exclusão, surgiu nesse período a chamada *Nau dos Loucos*, embarcações que levavam essas pessoas proscritas para fora da cidade com um destino, muitas vezes, sem volta. Foucault (1972) afirma que eram:

Esses barcos que levavam sua carga insana de uma cidade para outra. Os loucos tinham então uma existência facilmente errante. As cidades escorraçavam-nos de seus muros; deixava-se que corresse pelos campos distantes, quando não eram confiados a grupos de mercadores e peregrinos. Esse costume era frequente em particular na Alemanha, em Nuremberg, durante a primeira metade do século XV, registrou-se a presença de 62 loucos, 31 dos quais foram escorraçados. Nos



cinquenta anos que se seguiram, têm-se vestígios ainda de 21 partidas obrigatórias, tratando-se aqui apenas loucos detidos pelas autoridades municipais. (FOUCAULT, 1972, p. 9).

Entretanto, vale destacarmos que essa prática de segregação não havia sido a única existente no período da renascença. Passos e Barboza (2009, p. 48 *apud* RIBEIRO e PINTO, 2011, p. 5), afirmam, fazendo referência à obra de Foucault, que “existiram, durante toda a Idade Média e a Renascença, casas de detenção para os insanos, as quais não tinham qualquer objetivo de tratamento e só aceitavam os loucos da própria cidade”.

Somente no século XVIII, a loucura foi institucionalizada com o surgimento da psiquiatria, mas as pessoas, ainda assim, continuaram a ser excluídas na sociedade. A psiquiatria tornou-se mais um instrumento de controle sobre as pessoas, diversas minorias foram oprimidas por meio de sua existência. As mulheres, vítimas do patriarcado, foram as grandes oprimidas, tendo o corpo dominado, controlado por padrões de normalidade e, frequentemente, encarcerado em manicômios.

Para Maria Madalena Magnabosco (2003, p. 14) “no século XVIII, principalmente pelos avanços dos conhecimentos médicos e psiquiátricos, o corpo feminino passa a ser objeto de estudo e atenção por parte dos pesquisadores da época”. Houve um controle sobre o corpo, as mulheres não podiam transgredir os valores que tinham em seu tempo. Muitas que não tinham o valor moral que a sociedade impunha foram estigmatizadas como loucas, histéricas, bruxas, prostitutas e diversos outros adjetivos depreciativos. Além do estigma, foi atribuída à mulher, a causa de doenças psíquicas como, por exemplo, a histeria, foco de estudo nesse artigo. A literatura, como arte de verossimilhança, nos mostra em diversas obras como as mulheres foram oprimidas no decorrer da história. Há várias narrativas, cuja citação extrapolaria os limites desse trabalho, que denunciam a opressão feminina, seja ela no âmbito da psiquiatria, ou não. Na narrativa de Hilda Hilst, *A Obscena Senhora D.* (2005), a protagonista Hillé, logo no início do enredo, nos traz a percepção de sofrer um desvio, ao ver-se “afastada do centro daquilo que não sabe dar nome”, mas que no decorrer da narrativa percebemos se tratar do convívio social, que se mostra desarmônico:

Vi-me afastada do centro de alguma coisa que não sei dar nome, nem por isso irei à sacristia, teófaga incestuosa, isso não, eu Hillé também chamada por EHUD A Senhora D, eu Nada, eu Nome de Ninguém, eu à procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos à procura do sentido das coisas. (HILST, 2005, p. 4).

Cabe a nós, como um dos objetivos desse trabalho, levantar hipóteses sobre o que levou a personagem Hillé a perder-se de si mesma e o porquê dos sentimentos de derrelição



associados à busca constante por Deus. Problematizamos como a vizinhança de Hillé lidou com os seus problemas e como a mesma foi tratada nas condições em que se encontrava. Seria o esquecimento de Deus por ela, o silêncio de suas queixas sobre a vida? O silenciamento da mulher na sociedade? A opressão feminina, por estar presente em todos os âmbitos, não pouparia Hillé com a sua singularidade, com o seu jeito questionador de ser? E além do mais, por que podemos considerar Hillé como uma personagem transgressora? São questionamentos como esses que buscaremos pontuar no decorrer deste artigo.

A autora da narrativa, Hilda Hilst, marcada pela escrita hermética, também é uma mulher transgressora. Abdicou-se da vida na cidade para viver em um sítio, a qual deu o nome de *Casa do Sol*. A princípio escrevia apenas poesia, mas, com o passar do tempo e a vontade de ser cada vez mais lida, escreveu, também, prosa e teatro. De acordo com Renata Arruda, jornalista do site da revista *O Grito* (2013), em entrevista a Delmiro Gonçalves, publicada no Estado de São Paulo em 1975, Hilda Hilst afirmou:

Quero ser lida em profundidade e não como distração, porque não leio os outros para me distrair mas para compreender, para me comunicar. Não quero ser distraída. Penso que é a última coisa que se devia pedir a um escritor: novelinhas para ler no bonde, no carro, no avião. Parece que as pessoas querem livrar-se assim de si mesmas, que têm medo da ideia, da extensão metafísica de um texto, da pergunta, enfim (HILST *apud* ARRUDA, 2013, p. 30).

Os textos de Hilda Hilst abordam, em sua maioria, temas que contemplam a metafísica, o misticismo de parêntese com sentimentos amorosos e o questionamento da divindade. A escritora morreu em 2004 com o sonho de ser lida por todos, uma vez que sua obra foi considerada “difícil”. Este desejo fez com que ela não escrevesse apenas poemas, pois para ela a poesia a limitava de um contato com o público. Atualmente, a *Casa do Sol* funciona como Instituto Hilda Hilst, local de visitação para as pessoas que desejam conhecer um pouco mais sobre a autora e de preservação da memória da autora. Figura controversa, Hilda Hilst apenas recentemente está angariando o reconhecimento de público e crítica que sempre mereceu por sua obra admirável.

Considerando que, apesar dos estudos já existentes sobre a ficção hilstiana, a complexidade de sua obra não esgota as possibilidades de leitura, no presente artigo analisaremos como se constitui a personagem principal, Hillé, bem como o que a faz ser considerada louca, além da sua relação com o externo, com o âmbito ao qual foi condicionada a viver. Em seguida, discorreremos sobre o seu vínculo com Deus e a sua relação, pressupondo a sua existência. Por fim, analisando o comportamento de Hillé, discorreremos



sobre o porquê de a personagem ser considerada histórica. Para falarmos sobre loucura, Deus, opressão feminina e histeria, usaremos como principal suporte teórico os textos de Michel Foucault (1972); Sigmund Freud, citado por Souza (2014); Magnabosco (2013), Verona (2012) e Machado e Caleiro (2008).

### **Quem é a Obscena Senhora D.?**

D de derrelição. Nas primeiras páginas do livro híbrido<sup>4</sup> de Hilda Hilst nos é apresentado o significado da consoante “D”, abreviação inserida no título da obra: “Derrelição Ehud me dizia, Derrelição - pela última vez Hillé, Derrelição quer dizer desamparo, abandono, e porque me perguntas a cada dia e não reténs, daqui por diante te chamo A Senhora D. D de Derrelição, ouviu?” (HILST, 2005, p.4). Após a morte do marido Ehud, Hillé, que já morava no vão de sua escada há algum tempo, vive então sozinha carregando consigo sentimentos de derrelição. Nesse tempo, lidando com questões existenciais relacionadas ao tempo, vida e morte, sua vida, que já não fazia muito sentido, para si mesma, torna-se em total incongruente na perspectiva da protagonista. A personagem busca no divino, o tempo todo, respostas para os seus problemas.

o esfarinhado no corpo da alma agora, papéis sobre a mesa, palavras grudadas à página, garras, frias meu Deus, nada me entra na alma, palavras grudadas à página, nenhuma se solta para agarrar meu coração, tantos livros e nada no meu peito, tantas verdades e nenhuma em mim, o ouro das verdades onde está? que coisas procurei? que sofrido em mim se fez matéria viva? [...] (HILST, 2005, p. 28-29).

A busca constante por Deus, a fim de se entender e entender o externo a leva a ter o que os médicos definem como crises de histeria, pois os sentimentos de derrelição são aflorados em meio a diálogos com Deus e Ehud. Estes são uns dos personagens que mais se fazem presentes na suposta loucura de Hillé, sendo principal ouvinte de seus incontáveis questionamentos:

[...] Ehud, por favor, queria te falar, te falar da morte de Ivan Ilitch<sup>5</sup>, da solidão desse homem, desses nadas do dia a dia que vão consumindo a melhor parte de nós, queria te falar do fardo quando envelhecemos, do desaparecimento, dessa coisa que não existe mas é crua, é viva, o Tempo (HILST, 2005, p. 4-5).

---

<sup>4</sup>A narrativa é considerada híbrida por abranger diversos gêneros tidos como tradicionais tais como prosa, poesia e teatro, fazendo com que a mistura de registros diversos, múltiplas vozes e tons cambiantes na narrativa produza um texto difícil de ser classificado nas categorias usuais.

<sup>5</sup> Pensador e polímata austríaco. Foi autor de uma série de críticas às instituições da cultura moderna, escreveu sobre educação, medicina, trabalho, energia, ecologia e gênero.



E é sobre tudo isso que Hillé quer falar que a narrativa se constrói. Uma personagem abandonada e desamparada, sozinha, no vão de uma escada conversando com entidades não mais pertencentes ao seu mundo. Hilda Hilst nos traz, de forma hermética, rompendo com normas gramaticais e eliminando marcadores de fala, o mundo insano da protagonista. As letras em minúsculo após os pontos de interrogação confirmam o não uso de uma gramática na norma culta, característica presente em narrativas cuja escrita se dá em meio a fluxos de consciência.

[...] lembra como caminhávamos? te lembras de um brilho que vias numa pequena colina naquele passeio às águas? e como te esforçaste para subir a colina? e o que era afinal aquele brilho? sim, me lembro, uma tampinha nova de garrafa, uma tampinha prateada (HILST, 2005, p.19).

Além da forma hermética de uma gramática não usual, há também no vocabulário, não só o de Hillé, mas, também dos demais personagens, muita obscenidade. Em muitos trechos do texto percebemos a sua presença tornando a leitura um incômodo para alguns leitores mais pudicos: “[...] as pessoas precisam foder, ouviu Hillé? te amo, ouviu? antes de você escolher esse maldito vão da escada, nós fodíamos, não fodíamos Senhora D?” (HILST, 2005, p. 8).

Mas engana-se aquele que relaciona a obscenidade, presente no título da obra, ao vocabulário e comportamento de Hillé, com seus momentos insanos, andando nua pela casa, ou mostrando as “vergonhas” para a vizinhança, por exemplo. Hilda Hilst quis ir além, quis se referir à vida em sua totalidade, quando usou a palavra para qualificar Hillé. Uma vida que incomoda muitos, que incomoda a vizinhança em função do seu jeito de ser e viver, do seu jeito questionador, transgressor por não se permitir viver em contentamento com o que a vida lhe fez ser. A própria personagem justifica essa obscenidade ao responder sua própria pergunta: “[...] e o que foi a vida? uma aventura obscena, de tão lúcida”. (HILST, 2005, p. 42).

Hillé torna-se obscena para a sociedade. O título da obra deixa expresso em poucas palavras que Hillé, por questionar tudo e todos, por ter um senso crítico exacerbado, tem um comportamento transgressor, incomum aos outros, que no cotidiano apenas aceitam a vida como ela é, sem problematizá-la. E por ser assim, ganha o desamparo, a derrelição, torna-se uma eterna incompreendida. Este comportamento relapso dos outros, essa maneira de aceitar as coisas impostas na sociedade sem questionar, oposto ao de Hillé, nos faz pensar na subjetividade alheia das nossas vivências, em se tratando de questões sociais e políticas, por exemplo. Afinal de contas, quem de fato é o louco? Hillé por seu caráter



questionador/problematizador ou a sociedade por vir a ser alienada/relapsa aos próprios problemas, à própria vida?

Suportaria o estar viva, recortada, um contorno incompreensível repetindo a cada dia passos, palavras, o olho sobre os livros, inúmeras verdades lançadas à privada, e mentiras imundas exibidas como verdades, e aparências do nada, repetições estéreis, farsas, o dia a dia do homem do meu século? (HILST, 2005, p. 33-34).

Hilda Hilst denuncia em sua obra a hipocrisia social, colocando em evidência a instabilidade da condição humana, uma sociedade cada vez mais doente. Hillé torna a ser paciente do médico livre<sup>6</sup>, perdida em meio aos escravos, procurando entender as feridas da alma, os porquês da vida que carrega, buscando a verdadeira salvação.

Enquanto Hillé vive em sua exacerbada vida de questionamentos, de senso crítico, no diálogo dos homens livres, muitos vivem na exacerbada ignorância do pensar. E o querer ser compreendida, querer ter algum sentido para si é triste e incomoda (percebe o obsceno em viver a vida questionando?), causando até mesmo o abandono. Em meio à realidade alienante, pensar é questionar, é nadar contra a correnteza.

### **O leprosário da Senhora D.**

E é nadando contra a correnteza que o seu estado transgressor começa a se refletir no convívio com a vizinhança, as pessoas que, até então, não a compreendem começam a se sentir incomodadas com o seu comportamento, considerado obsceno:

olhe senhora D, não pode se trancar assim, a morte é coisa que não se pode dar jeito, né, o senhor Ehud ficaria triste lhe vendo assim, tá morto né, a morte vem pra todos, a senhora também podia colaborar com a vizinhança né, essas caras que a senhora anda pondo quando resolve abrir a janela assustam as minhas crianças, ai ai senhora D não faz assim agora, isso é coisa de mulher desavergonhada, ai que é isso madona, tá mostrando as vergonhas pra mim (HILST, 2005, p. 11-12).

Os vizinhos contemplam, de forma negativa, o não conformismo de Hillé pela morte do amante Ehud. A forma com que a protagonista expressa o seu luto os assusta. As roupas do corpo já são traços de uma razão que não lhe serve mais. Hillé, na busca do sentido da vida, perde a razão de viver. A personagem faz de sua própria casa o seu próprio leprosário, retirando-se do centro de uma normalidade que a sociedade não mais consegue estabelecer em

---

<sup>6</sup> De acordo com Hara (2012), existiram na Grécia antiga duas medicinas, a dos escravos e a dos homens livres. A medicina dos escravos era essa a que nos acostumamos, aquela em que o médico “receitador” apenas contentava-se em prescrever remédios, em dizer o que o paciente deveria fazer. Já na medicina do homem livre, o tratamento era a arte do diálogo. O médico explicava para o paciente o porquê de seu regime não ser bom, o que precisava para se curado. O paciente tinha de ser convencido de que seu modo de vida deveria ser alterado, para que sarasse realmente, e para que pudesse evitar dali em diante outra doença.



harmonia. Hillé se fecha para o externo e se afunda no interior de suas emoções. Os vizinhos não a entendem, suas dores não compreendem, questionam, julgam e criticam. A obscena senhora D. se interioriza na busca de um sentido para si procurando respostas no Menino-Porco, nome atribuído a Deus, entidade cristã, criadora do mundo, o mundo porco que a personagem vê.

Não pactuo com as gentes, com o mundo, não há um sol de ouro no lá fora, procuro a caminhada sem fim, te procuro, vômito, Menino-Porco, ando galopando desde sempre búfalo zebu girafa, de repente nos capins resfolegando, sou um grande animal, úmido, lícido, te procuro ainda, agora não articulo, também não sou mudo, uns urros, uns finos fortes escapam da garganta, agora eu búfalo mergulho, uns escuros. (HILST, 2005, p. 9-10).

A loucura, como herdeira da lepra e dos leprosários, também herda o estigma do contagioso, contribuindo para o afastamento das pessoas em relação ao sujeito considerado louco. Em *A Obscena Senhora D.* (2005) podemos observar a herança desse estigma, após alguns vizinhos comentarem sobre o estado de Hillé, “ah ela não é certa não, tá pirada da bola, e isso pega, tu não lembra que meu marido pifô quando não pude fazer aquele bacalhau tu não lembra?” (HILST, 2005, p. 37). Essa forma de tratamento, pensar na suposta loucura de Hillé como algo contagioso, justifica-se pelo modo com que os leprosos eram tratados. As pessoas tinham medo de entrar em contato com esses enfermos e, para o louco, foi atribuído o mesmo pavor, tornando-o um sujeito perigoso para a sociedade. E esse perigo atribuído a ele traz como consequência a segregação, a mesma forma de tratamento para os leprosos. A igreja, com o poder que tinha sobre a sociedade na Idade Média, contribuiu muito para essa cultura de segregação e estigmatização. Indo além, muitas pessoas em sua existência desviante também foram demonizadas.

De acordo com Foucault (1972, p. 10), a igreja, em seus discursos sobre os enfermos na Idade Média, afirmava que “o pecador que abandona o leproso à sua porta está, com esse gesto, abrindo-lhe as portas da salvação”. Os leprosos e, posteriormente, as pessoas consideradas loucas, eram exilados nos internatos não para serem tratados, mas para não conviverem em sociedade com as outras pessoas. Igualmente, as pessoas enfermas de doenças venéreas também foram abandonadas nos leprosários e marginalizadas pela sociedade, mas, ao contrário dos enfermos mentais, os considerados loucos, a sua marginalização ocorreu por um curto espaço de tempo. Gama (2008, p. 21 *apud* RIBEIRO e PINTO, p. 4) explica que a doença venérea “[...] apesar de ocupar, por um curto espaço de tempo, o mesmo lugar social e institucional do leproso, não pôde assumir o seu lugar como representação da punição divina,





porque desde o início era vista como doença médica [...]”. A loucura por não ter sido compreendida, até então como uma doença médica, fez com que muitas pessoas pensassem nela como algo sobrenatural, relacionando-a ao divino, à perspectiva cristã, sendo ela uma forma de punição divina ou por possessões demoníacas, por exemplo.

Os momentos insanos de Hillé também são justificados por causas sobrenaturais, a vizinhança se apega aos preceitos cristãos, compreendendo o seu comportamento como algo relacionado a crises de possessões demoníacas:

senhora D, podia por favor abrir um pouco a janela? só um instantinho, sabe o que é, é que tem um homem aqui que sabe fazer benzeduras, sabe o que é, senhora D, espera um pouco, o homem tá dizendo umas coisas, presta atenção senhora D. quem? ah sim, o homem tá dizendo que Asmodeu, Asmodeu a senhora conhece né? ele diz que sim que a senhora conhece, então, se a senhora conhece não precisa dizer muito mais, mas o homem tá dizendo que Asmodeu tá aí dentro do seu peito, hen? quem mais, moço? tem mais um aí senhora D, pera um pouco que o nome desse é mais difícil, ah sim, Astaroth, é isso, credo Astaroth, é isso, esses dois tão aí, é o homem que diz, ele também tá dizendo que esses é que fazem a senhora assim, viu senhora D? senhora D? (HILST, 2005, p. 33).

Entretanto, vale destacar que Hillé foi considerada possuída por ser louca e não louca por ser possuída, pois as pessoas a taxavam como possuída por seu jeito transgressor de ser. De acordo com Foucault (1974, p. 71) “existe o hábito de dizer que o louco da Idade Média era considerado como uma personagem sagrada, porque possuído. Nada mais falso. Se era sagrado é porque, para a caridade medieval, ele participava dos obscuros poderes da miséria”. O louco da Idade Média era considerado um miserável porque estava sendo punido por Deus, sendo castigado como forma de pagamento para chegar à salvação. Nem todo louco era de fato possuído, a desgraça em si, era atribuída a uma maneira de se redimir com o divino.

### **Por Deus esquecida?**

Partindo do pressuposto do senso comum da existência de um Deus para teorizarmos sobre a existência do mesmo, iremos, aqui, nessa seção, analisar como a personagem se relaciona com o divino, como a sua existência influencia no seu comportamento, como isso reflete em suas angústias. Foucault (1972, p. 38) afirma que “no caminho para Deus, mais que nunca o homem se oferece à loucura [...] A sabedoria de Deus, quando é possível perceber seu brilho, não é uma razão ocultada por muito tempo: é uma profundidade sem medida”. Partir em busca do raciocínio do divino é ir contra a razão do homem, do lógico das coisas, aos nossos



olhos. É buscar uma razão imensurável, de um ponto de vista irreal, impalpável. Hillé, com o desejo do saber, também se vê em um abismo profundo ao querer ver a face de Deus:

olha Hillé a face de Deus

onde onde?

olha o abismo e vê

eu vejo nada

debruça-te mais agora

só névoa e fundura

é isso. adora-O. Condensa névoa e fundura e constrói uma cara. Res facta, aquietate. (HILST, 2005, p.25-26).

O texto sem marcação de falas não identifica facilmente com quem Hillé está se comunicando, mas no decorrer da leitura percebemos tratar-se de Ehud. O amante a aconselha aquietar-se, pois sabe que buscar em Deus a compreensão da vida foge à razão. É complexo o caminho para essa verdade. A razão do homem torna-se um paradoxo diante dos olhos da razão de Deus. E é por isso que Hillé se perde ao buscar luz, ao buscar o conhecimento no divino. O criador nada mais é que a cegueira silenciosa que a consome. Hillé foi consumida de razão buscando uma razão imensurável. Para Foucault (1972):

a razão do homem não passava de loucura; em relação à estreita sabedoria dos homens, a Razão de Deus é considerada no movimento essencial da Loucura. Em grande escala, tudo não passa de Loucura; em pequena escala, o próprio Todo é Loucura. [...] Num certo sentido, a loucura não é nada: a loucura dos homens não é nada diante da razão suprema que é a única a deter o ser; e o abismo da loucura fundamental nada é, pois esta só é o que é em virtude da frágil razão dos homens. Mas a razão não é nada, dado que aquela em cujo nome a loucura humana é denunciada revela-se, quando finalmente se chega a ela, apenas como uma vertigem onde a razão deve calar-se. (FOUCAULT, 1972, p. 38-39).

Foucault (1972) nos diz que enquanto para a nossa razão, a do homem, a sabedoria de Deus é loucura, para a imensurável razão de Deus a razão do homem também é loucura. E o que a nossa realidade aparenta ser é, na verdade, falha, pois se trata de uma ilusão. E essa ilusão, por não trazer sequer alusão à verdade sobre a vida que procuramos nos faria perder toda a razão, uma vez que, se fizesse alusão ao que buscamos, certamente não nos perderíamos, nós nos encontraríamos. De certo modo, a compreensão da busca por Deus como loucura é resultado de falta de maturidade, talvez, intelectual, ou espiritual, ou, ainda, senão, ambas, para a compreensão da vida. A loucura da origem de Deus existe em torno da



ausência de razão do homem sendo que a frágil razão do homem é o nada se comparada a toda verdade do ser que o divino detém.

É exatamente assim, mergulhando-se no Todo, o modo com que Hillé vai desenvolvendo um comportamento desviante. Pouco a pouco, à procura de Deus, para lhe salvar de um afogamento de questões relacionadas à vida, ela vai se afundando em um profundo mar que obscurece a própria razão, desfazendo-se de si, tornando-se um nada, saciando a sua gula pelo “criador”: “Engolia o corpo de Deus a cada mês, não como quem engole ervilhas ou roscas ou sabres, engolia o corpo de Deus como quem sabe que engole o Mais, o Todo, o Incomensurável, por não acreditar na finitude me perdia no absoluto infinito” (HILST, 2005, p. 5).

Hillé engolia Deus na tentativa de encontrar um pai consolador, protetor, que desse a ela solução para os seus problemas, que tirasse do peito as suas inquietações. Freud (1856-1939) concebia a imagem de Deus vinculada à figura paterna, ao desamparo, à necessidade de proteção e aos desejos humanos. De acordo com Souza (2014), o criador da psicanálise acreditava que a formação de uma religião e, conseqüentemente, um Deus, se pensarmos em religiões monoteístas como o Cristianismo, por exemplo, se dava por esses motivos. Para Souza (2014, p. 112), o desejo na formação das ideias religiosas “está presente, no complexo paterno onde o indivíduo se depara com sua fragilidade, desamparo, diante das adversidades da existência e na necessidade de proteção ante as agruras da vida ele almeja (deseja) por um pai”. No decorrer da narrativa, vemos constantemente Hillé questionando e dialogando com Deus, em busca de respostas, tentando compreender o mundo em que vive, tentando saber como é a figura divina a qual dedica a sua fé, a qual clama por paternidade:

como será a cara DELE hen? é só luz? uma gigantesca tampinha prateada? não há um vínculo entre ELE e nós? não dizem que é PAI? não fez um acordo conosco? fez, fez, é PAI, somos filhos. não é o PAI obrigado a cuidar da prole, a zelar ainda que a contragosto? é PAI relapso? (HILST, 2005, p. 19).

O vínculo de Deus com a figura paterna é explicado em função da relação ambivalente entre pai e filho, pois para Freud (1969) essa ambivalência também se aplica ao relacionamento entre o homem e Deus. Conceitua-se, na teoria psicanalítica, como complexo de Édipo, no qual se compreende a “um período ou estágio em que o ser humano passa ou vivencia no seu núcleo familiar com qualquer figura paterna, que venha se tornar uma ameaça à relação com a mãe” (SOUZA, 2014, p.110-111). A criança vê o pai, ao interditar nesse relacionamento entre mãe e filho, como uma ameaça aos sentimentos que nutrem um pelo outro. A figura paterna, ainda que temida, faz-se também adorada, pois sua presença também



fornece amor e segurança. No caso das religiões monoteístas o mesmo ocorre porque temem a Deus pela vida, na mesma intensidade em que o mesmo é louvado e adorado. O divino, como pai, ampara e traz segurança. Entretanto, há uma quebra de expectativas entre Deus e Hillé na obra. O criador dialoga com ela refutando a obrigatoriedade de pai, se opondo ao vínculo estabelecido entre eles:

Hillé, nada de mim é extensão em ti  
Não fizemos um acordo?  
O quê? Não és Pai?  
Nem sei de mim, como posso ser extensão num outro? Não houve um contrato?  
Quê? Estás louca. Vivo num vazio escuro, brinco com ossos, estou sujo sonolento num deserto, há o nada e o escuro  
Não te escuto  
Digo que durmo a maior parte do tempo, que estou sujo O quê? O que, meu Deus?  
Não te escuto  
Que um dia talvez venha uma luz daí Quê? (HILST, 2005, p. 20).

O complexo de pai, entre Deus e Hillé, torna-se falho. Hillé não mais o teme, revolta-se com a sua ausência, com a sua falta de empatia em relação às suas dores. Permanece em vazio ao lado de um criador que também vive em um vazio escuro, em um nada. Deus está com ela tornando-se um nada, deixando-a desprotegida e desamparada, Hillé está alheia à própria natureza. O homem alienado à sua própria natureza busca não apenas a segurança que lhe falta, mas, também, o pertencimento a algo que possa preencher o próprio vazio. Hillé vai além da busca de pertencimento e segurança, transgride indo à busca de um sentido, de uma razão para si, pois já não se sente mais segura ao lado do pai criador. Na ausência de respostas, percebe a ilusão de uma natureza antropomórfica<sup>7</sup>, vê-se, na ausência de ignorância, perdida em derrelição: “Engulo-te homem Cristo no caminho das águas, se eras homem sabias desse turvo no peito, desse grande desconhecimento que de tão grande se parece à sabedoria, de estar presente no mundo sabendo que há um pai eternamente ausente”. (HILST, 2005, p. 40). Além da insegurança e da inquietação pela falta de respostas, Hillé também se mostra revoltada com o comportamento de Deus, tornam-se frustrante para ela os sentimentos em relação a ele:

<sup>7</sup> Fé ligada aos elementos da natureza. As primeiras religiões originaram-se por meio de crenças aos elementos da natureza, tais como o Sol, a Lua, as plantas e os animais.



[...] todas as perdas estão aqui na Terra, e o Outro está a salvo, nas lonjuras, en el cielo, a salvo de todas as perdas e tiranias, e como é essa coisa de nos deixar a nós dentro da miséria? que amor é esse que empurra a cabeça do outro na privada e deixa a salvo pela eternidade sua própria cabeça? [...] (HILST, 2005, p. 46).

Deus a esqueceu e o seu interesse e revolta por ele, para piorar, para lhe trazer mais angústias, não interessa a ninguém. Muito pelo contrário, Hillé é constantemente silenciada, sendo criticada pelas suas queixas. A personagem, histórica, se vê sozinha nessa busca de porquês, o que nos leva à próxima seção, a respeito da sua condição como mulher na sociedade.

### **Por homens oprimida?**

Somente no início da nossa contemporaneidade, com o surgimento da psiquiatria, é que os loucos vieram a receber o *status* de doentes mentais, conforme já foi mencionado. Para Vieira (1981, p. 50) “só é possível compreender o nascimento da psiquiatria a partir da medicina, no momento em que esta incorpora a sociedade como novo objeto e se impõe como instância de controle social dos indivíduos”. O que era responsabilidade do Estado tornou-se, então, responsabilidade da psiquiatria. A psiquiatria, inicialmente, também não teve como objetivo, de acordo com Foucault (2002 *apud* FERNANDES e MOURA, 2009), se especializar no saber ou existir na área do conhecimento médico, mas sim promover uma higienização pública. Compreende-se que “para constituir-se como instituição de saber, nesse caso, saber médico fundamentado [...] a loucura foi simultaneamente codificada como patológica e perigosa objetivando com isso ganhar importância social”. Diversas minorias foram oprimidas no início da sua existência, dentre estas, as mulheres. Conforme Magnabosco (2003) discorre em seu texto:

Um dos sistemas de vigilância e controle, que ganharam força com os estudos de Sigmund Freud, foi a fixação da mulher no espaço doméstico. Circunscrevê-la neste espaço foi a condição obrigatória para protegê-la, por sua fragilidade e sensibilidade, e, ao mesmo tempo, para proibi-la de possíveis desvios sexuais, já que, pela fragilidade, a mulher era portadora de uma organização física e moral degenerável. (MAGNABOSCO, 2003, p. 431).

Houve um interesse sobre a “natureza” feminina. Rohden (2001) afirma que toda essa preocupação em torno da mulher (fases de desenvolvimento, gravidez, parto, menstruação, aleitamento, puericultura) se dá pela função sexual/reprodutiva associada a ela. O corpo das mulheres recebeu um destaque na medicina pelo papel social que, por imposição do patriarcado, exercia (mãe, esposa, doméstica, passível, etc.) e, principalmente, também pela



não correspondência a um padrão estabelecido. A medicina tornou patológica toda mulher que se desviasse desse padrão. Verona (2012) segue em seu texto, alegando que:

Os médicos [do século XIX] encarregaram-se de formular um rol extenso de diferenças entre os sexos, calcadas na ‘cientificidade’ e, para tanto, recorreram à explicações orgânicas, fisiológicas, etc., que explicitassem e justificassem as características desiguais entre homens e mulheres. (VERONA, 2012, p. 315).

A medicina legitimava a inferioridade das mulheres, buscando argumentos científicos para comprová-la e justificá-la. Uma das principais diferenciações entre homens e mulheres foi em relação à razão e emoção. Acreditavam que as mulheres fossem mais sensíveis e frágeis, tanto emocionalmente, quanto biologicamente, inferiorizando-se aos homens que eram opostamente contemplados com características de racionalidade e força, pois isso de certa forma reforçaria o papel social das mulheres na sociedade, perpetuando-as nos espaços privados, como donas de casa, em função da sua suposta fragilidade.

O interesse nos estudos sobre a mulher justificava-se também, por acreditarem, segundo Verona (2012, p. 318), que “[...] a mulher estava em questão não apenas por sua função reprodutiva, mas também pela valorização do papel de educadora dos filhos”. Por estar condicionada a cuidar dos filhos desde o nascimento, tornou-se a principal responsável para transmitir os valores morais a eles também. Foi dada a elas a responsabilidade para a formação de um bom sujeito, as mulheres que não conseguiam transmitir esses valores, foram acometidas de diversas patologias, como, por exemplo, a histeria.

A histeria, como patologia feminina, teve diversas interpretações no decorrer de sua existência durante o século XIX. Os médicos brasileiros, segundo Verona (2012, p. 322), “caracterizaram a histeria como uma neurose hereditária que modifica boa parte das funções vitais do doente”, apesar da dificuldade de prescreverem o quadro metodológico, afirmaram que os sintomas básicos da doença eram irritação, mudança repentina de humor, simulação, isolamento, alucinação e perversão da sensibilidade. Muitas mulheres, apresentando esses sintomas, foram internadas em função da ordem, evitando o rompimento dos valores morais que a sociedade impunha. No caso da personagem hiltiana, Hillé, por ser obscena, questionadora, irritada com a vida, em constante mudança de humor e entre outras peculiaridades faz-se uma perfeita mulher histérica, em direção contrária ao ideal padronizado do ser mulher (recatada, submissa, do lar):

Diante da vila, das casas quase coladas, entre as gentes sou como uma grande porca acinzentada, diante de muitos a quem conheci sou uma pequena porca ruiva, perguntante, rodeando mesas e cantos, focinhando carne e ossatura, tentando chegar



perto do macio, do esconso, do branco luzidio do teu osso, diante de minha mãe fui apenas pergunta, altaneria, paradoxo [...] (HILST, 2005, p. 12).

A personagem se vê marginalizada pela vizinhança que a rodeia e ninguém compreende as suas angústias. O fato de se comparar a uma porca nos remete ao sujo, ao desleixo de si mesma, algo não bem visto pela sociedade, mundano, desviante do que as pessoas aprovam: “Casa da Porca, assim chamam agora a minha casa [...]” (HILST, 2005, p. 6). O maltrato de Hillé consigo mesma, com o próprio corpo, esse desleixo que reflete no meio em que vive, ocasionando críticas e isolamento da vizinhança, é uma maneira histórica de se expressar. Para Finkler (1989, p. 72) a histeria pode funcionar como uma via de expressão, social e culturalmente aceita, das preocupações diárias e das dificuldades do cotidiano. É um sofrimento que se manifesta no corpo porque é nele que se depositam as frustrações, os conflitos e os percalços do dia-a-dia, e, nesse sentido é incorporado justamente porque modifica toda a fisiologia orgânica, ou ainda conforme o mesmo autor, “é todo o corpo representando ou atuando nas suas difíceis condições de existência”. (SOUZA, 2009, p. 20).

O corpo de Hillé foi carregado de dores e sofrimentos pela ausência de respostas. Os grunhidos e urros que ela dava a vizinhança, vide o trecho: “[...] abro a janela nuns urros compassados, espalho roucos palavrões [...]” (HILST, 2005, p. 6), traduziam-se em um pedido de socorro, um pedido de salvação à alma que se encontrava instável e angustiada. Mais adiante, no texto, Hillé explica a um suposto líder religioso sobre as crises de histeria que acometem o seu ser:

por que fecha sempre as janelas?  
e por que devo abri-las?  
e por que as abre de repente e assusta as gentes e grita?  
o corpo é quem grita esses vazios tristes  
por que não alimenta o corpo com benquerença, aceitando o agrado dos outros?  
porque o corpo está morto  
e a alma?  
a alma é hóspede da Terra [...] (HILST, 2005, p. 14).

As pessoas ao invés de tentarem entender o que se passa em sua vida criticam o seu comportamento desviante. E por ter um comportamento desviante é dada como louca. Para Caleiro e Machado (2008, p. 5) “falar da ‘Mulher Louca’ é falar da representação social da



mulher, dos papéis sexuais estabelecidos, das transgressões cometidas por algumas delas que não se enquadravam, que ousavam tomar as rédeas do seu próprio destino”. Hillé, diante disso, é a mulher louca constantemente silenciada, pronta para ser internada, para ser condicionada à submissão, servindo aos moldes do patriarcado. Justificam as suas crises o tempo todo pela falta de um homem, como se esse fosse capaz de trazê-la à luz, trazendo razão à sua existência. Ehad, o falecido amante, sugere isso na obra:

[...] sabes, Hillé, às vezes penso que se ficares sozinha, se eu morrer antes, sabe, às vezes penso que deves ter um homem jovem porque sim Ehad

porque sabes muitas coisas, essas da alma, e um saber demasiado obscurece el alma

isso mesmo, e por isso talvez alguém de vinte, vinte cinco, meio diminuído, sensualão (HILST, 2005, p.39).

Essa sugestão, partindo da fala do amante falecido é só mais uma forma de silenciar as suas queixas e sofrimentos. Ehad, também sujeito de uma sociedade falocêntrica, não ignora os sentimentos e angústias de Hillé, mas vê como “solução” para seus problemas o sexo entre homem e mulher, como se ela necessitasse de um falo para vir a ser uma mulher mentalmente saudável. Em alguns trechos do texto até investe nessa falha intenção: “E apalpava, escorria os dedos na minha anca, nas coxas, encostava a boca nos pelos, no meu mais fundo, dura boca de Ehad, fina úmida e aberta se me tocava, eu dizia olhe espere, queria tanto te falar, não, não faz agora, Ehad, por favor” (HILST, 2005, p. 4). Entretanto, Hillé, mais uma vez transgredindo o papel social atribuído a si, nega-o, voltando-se às suas queixas e insatisfações. De acordo com Simões (2007) a principal característica dada às históricas é a insatisfação, insatisfeitas com a vida que têm, sem a concretude de seus desejos, estão sempre se queixando, sempre em busca de reconhecimento. E nas suas tristezas mal compreendidas, elas são criticadas por muitos e medicadas por outros. Ehad por diversas vezes se vê irritado com os questionamentos de Hillé:

Subíamos juntos os degraus desta mesma escada. a cama. o gozo. o ímpeto. depois sono e tranquilidade de Ehad. seus débeis sonhos? modéstia. humildade. e cólera muitas vezes: vida, morte, teu trânsito daqui pra lá, porra, esquece, segura meu caralho e esquece, te amo, louca. (HILST, 2005, p. 16).

Felizmente ou infelizmente, Hillé tem consciência de que as pessoas não ligam para os seus questionamentos e por isso se vê sozinha, em uma eterna angústia:

um dia me disseram: as suas obsessões metafísicas não nos interessam, senhora D, vamos falar do homem aqui agora. que inteligentes essas pessoas, que modernas,





que grande cu aceso diante dos movietones, [...] alma chiii morte chiii, falemos do aqui agora. (HILST, 2005, p. 10).

Nem Deus, nem Ehud, nem a vizinhança, nem ninguém sabe lidar com os problemas de Hillé, com as angústias da personagem. E se a mesma não se compromete a andar sobre os moldes de uma sociedade patriarcal, a mesma é oprimida, segregada e silenciada. Por não se abster de seus questionamentos, louca, porca, histérica, mundana, e diversos outros adjetivos de cunho negativo, lhe são atribuídos.

### **Pelas loucas e histéricas muito bem-vinda – Considerações finais**

A loucura, por ter sido, ao longo do tempo, um estado de insanidade atribuído às pessoas que se desviam de um comportamento que a sociedade vê como certo, deixou no Ocidente diversas marcas de angústia e opressão. Podemos ver em *A obscena Senhora D.* (2005), como os estigmas da loucura e a maneira de lidar com os mesmos, afetam o sujeito. Hillé, por questionar demais a vida, por mostrar-se inquieta com as coisas que lhe fogem à razão, torna-se louca para o mundo em que (sobre)vive, tornando-se, também, incapaz de obter as respostas para aquilo que procura. São questionamentos como esses: “[...] o que é casa, conceito, o que são as pernas, o que é ir e vir, para onde Ehud [...], o que pensam de si mesmos os tolos, as crianças, o que é pensar, o que é nítido, sonoro, o que é som, trinado, urro, grito, o que é asa hein? [...]” (HILST, 2005, p. 7), que nem Hillé e nem Deus souberam responder.

Deus, na pressuposição de sua existência, não só em teoria, mas também no consciente de Hillé, é buscado como forma de amparo e proteção ao homem que se sente sozinho e perdido, alienado ao meio. Hillé, por sua vez, ao estabelecer um contato com Deus, frustrou-se, pois, o amparo que buscava resultou-se em esquecimento. O criador não cumpriu o papel atribuído ao pai, negando a responsabilidade com a sua prole. O que Freud chamou de complexo de Édipo<sup>8</sup> foi corrompido na sua relação com Deus. Por um lado, a personagem, em total abandono, permaneceu com os mesmos sintomas de histeria atribuídos pela psiquiatria. Por outro lado, a compreensão da histeria, dada como doença, oprimiu muitas mulheres no decorrer do tempo. Condicionada como patologia feminina, veio a servir como mais uma

<sup>8</sup> Grosso modo, indica um período da infância em que a criança se vê em disputa com a figura paterna em relação ao amor da figura materna. O pai, embora temido, também se torna um ideal a ser seguido.



ferramenta de opressão e controle do corpo feminino, muitos a usaram como justificativa para silenciar mulheres que transgrediam os valores morais impostos a elas.

Uma sociedade patriarcal e falocêntrica não quer reconhecer uma mulher de voz ativa, pensante e dona do próprio corpo, transitando em qualquer âmbito. Hillé foi inserida e muito bem-vinda junto às loucas e histéricas por sua vida em total questionamento, pela ausência de ignorância e revolta com o universo, fez-se louca e histérica para as pessoas com quem convive. Os sentimentos exacerbados e intensos de insatisfação com o mundo a tornam histérica. Hillé torna-se louca e histérica porque vai além do que lhe é permitido como sujeito mulher. Perdida nesse infinito de insatisfações, o tempo também se saciava da gula, saciava-se de Hillé que se perdia saciando-se de Deus. Hillé, *a senhora D* de derrelição, a senhora desamparada, abandonada que, talvez, se quisesse apenas vir a ser e não compreender-se, precisaria apenas entender o que Cazusa e Ehud já entendiam: “o tempo não para” e, lutar contra ele, é sempre assumir o risco da loucura.

### Referências

ARRUDA, Renata. Crítica: Fico besta quando me entendem – Entrevistas com Hilda Hilst. **O Grito**. Disponível em: <http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2013/09/26/critica-fico-besta-quando-me-entendem-entrevistas-com-hilda-hilst/>. Acesso em: 09 jun. 2016.

CALEIRO, Regina C. L.; MACHADO, Jaqueline S. A. Machado. Loucura feminina: doença ou transgressão social? **Desenvolvimento social**. Montes Claros, v.1, n.1, jan./jun. 2008.

Disponível em:

<http://www.pensamientopenal.com.ar/system/files/2014/12/doctrina37026.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2017.

FERNANDES, Flora; MOURA, Joviane. A institucionalização da loucura: introdução (Parte I). **Psicologado**, ago. 2009. Disponível em:

<https://psicologado.com/psicopatologia/psiquiatria/a-institucionalizacao-da-loucura-introducao-parte-i>. Acesso em: 10 ago. 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. Tradução José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

FRAYZE-PEREIRA, João A. **O que é loucura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

HARA, Tony. **Ensaio sobre a singularidade**. São Paulo: Editora Kan, 2012.



HILST, Hilda. **A obscena senhora D.** São Paulo: Globo, 2005.

MAGNABOSCO, Maria M. Mal-estar e subjetividade feminina. **Subjetividade.** Fortaleza, v.3, n.2, set. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v3n2/09.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2016.

OLIVEIRA, Sandra S. Trechos da história da loucura. **Interações: sociedade e as novas modernidades.** Coimbra, out. 2002. Disponível em: <http://www.interacoesimt.com/index.php/revista/article/viewFile/52/54>. Acesso em: 07 jun. 2016.

RIBEIRO, Bruno Alvarenga; PINTO, Viviane Aparecida. Entrando na "nau dos loucos": breve revisão da história da loucura e seus desdobramentos. **Conexão ciência** (Online). Formiga, jan. 2011. Disponível em: <http://periodicos.uniformg.edu.br:21011/periodicos/index.php/testeconexaociencia/article/view/50/77>. Acesso em: 10 ago. 2016.

SIMÕES, R. A recusa histórica à satisfação do desejo. **Revista Psicolatina.** Rio de Janeiro, v.1, n.11, set. 2007. Disponível em: <http://psicolatina.org/11/historica.html>. Acesso em: 08 fev. 2017.

SOUZA, André Rocha Lopes de. A pertinência do discurso freudiano sobre o fenômeno religião. **Sacrilegens.** Juiz de Fora, v.11, n.2, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2015/02/11-2-8.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.

SOUZA, Edna Maria Lopes de. Especificidade de sintomas na histeria uma abordagem clínica. 2009. 42 f. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica) – Faculdade de Ciências Biológicas e de Saúde, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba. 2009. Disponível em: <http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2012/08/ESPECIFICIDADE-DE-SINTOMAS-NA-HISTERIA-UMA-ABORDAGEM-CLINICA1.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2017.

VERONA, Elisa Maria. O discurso médico e a construção da ideia de sexo frágil no Brasil oitocentista. **OP SIS.** Catalão. v.12, n.1, jan./jun. 2012.

VIEIRA, Ana Rosa Bulcão. Organização e saber psiquiátrico. **Revista de Administração de Empresas.** Rio de Janeiro. v.21, n.4, dez.1981. Disponível em: [http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590\\_S0034-75901981000400006.pdf](http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S0034-75901981000400006.pdf). Acesso em: 25 ago. 2016.